

Discussões sobre a anemia falciforme na Semana da Consciência Negra: contribuições do PIBID

Magnólia Silva Queiroz^{1}, Mercia Barbosa dos Santos^{2*}, Sunanda Barbosa Mendes¹, Letícia Nayara Barreto dos Santos¹, Tairone Gomes de Cristo¹*

Resumo

¹Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, BA, Brasil.

²Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito, Alagoinhas, BA, Brasil.

Autor correspondente:
Magnólia Silva Queiroz
E-mail: msqueiroz@uneb.br
Mércia Barbosa dos Santos
E-mail: mtodos2511@gmail.com

Artigo recebido em 07/12/2020, aceito em 22/11/2021 e disponibilizado online em 06/12/2021.

Editor responsável:
Allisson Esdras Fernandes de Oliveira

A anemia falciforme é a alteração genética mais comum na população negra e essa associação desencadeia barreiras estruturadas pelo racismo. Assim, o estudo que segue tem como objetivo analisar reflexões a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Semana da Consciência Negra com estudantes do 1º ano do ensino médio sobre a relação entre a anemia falciforme e o racismo estrutural na nossa sociedade. A oficina consistiu em quatro momentos: diálogo sobre racismo; leitura e análise de texto sobre anemia falciforme; construção de um muro indicando as barreiras existentes sobre a anemia falciforme; desconstrução dessas barreiras. O estudo com abordagem qualitativa a partir da análise de conteúdo mostrou que as reflexões sobre a anemia falciforme na Semana da Consciência Negra se constituem em conhecimentos necessários para compreender o racismo estrutural e tais conclusões desencadearam no pensar sobre abordagens de um ensino de biologia significativo.

Ensino de Biologia. PIBID. Racismo.

Abstract

Sickle cell anemia is the most common genetic alteration in the Black population and this association triggers barriers structured by racism. Thus, the study that follows aims to analyze reflections from the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarship (PIBID) in Black Awareness Week with students of the 1st year of high school on the relationship between sickle cell anemia and structural racism in our society. The workshop consisted of four moments: dialogue on racism; read in and analyzing text on sickle cell anemia; construction of a wall indicating the existing barriers on sickle cell anemia; deconstruction of these barriers. The study with a qualitative approach based on content analysis showed that the reflections on sickle cell anemia during Black Awareness Week constitute the necessary knowledge to understand structural racism and such conclusion triggered the thinking about approaches to teaching a meaningful biology.

Teaching Biology. PIBID. Racism.



© Revista Sertão Sustentável 2021. Open access sob licença Creative Commons BY-NC-ND 4.0 International.

INTRODUÇÃO

O estudo que segue é fruto da análise de uma oficina realizada na Semana da Cosciência Negra vivenciada a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao subprojeto “O Pibid integrando teoria e prática na licenciatura em ciências biológicas” da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, campus II, na cidade de Alagoinhas-BA.

O PIBID insere os licenciandos no cotidiano das escolas, proporcionando a eles experiências para articulação do exercício de saberes relacionado ao ensino que são trabalhados nos componentes específicos e pedagógicos do curso, contribuindo assim para tornar os cursos de licenciaturas mais sólidos, incentivar a formação docente e promover maior aproximação entre a universidade e a escola.

A temática formação de professores a partir do PIBID tem sido bem investigada, na qual se fundamentam para verificar dentre outros temas, os impactos do PIBID na iniciação à docência (LEMOZ; AZEVEDO 2017), os conhecimentos entre teoria e prática adquiridos pelo professor (BIANCHI 2016), estado da arte (FERNANDEZ; NOGUEIRA 2019), ou aqueles provenientes do desafio de ensinar e aprender (TONIOLO; UBERTI 2016).

A biologia, ciência responsável pelo estudo da vida e dos organismos vivos, tem como objetivo investigar, analisar, discutir e solucionar situações problemas dos diversos contextos socio-culturais e ambientais a partir da compreensão e interpretação de leis, teorias e modelos (BRASIL 2018).

Neste sentido, se insere o conteúdo anemia falciforme, que é uma alteração genética hereditária marcada pela mutação no gene da globina β da hemoglobina, originando uma hemoglobina S (HbS), ao invés da A (HbA) causando alteração das hemácias ao perder a forma arredondada e elástica, tornando-as parecidas com uma foice, daí o nome falciforme (DI NUZZO; FONSECA 2004). A hemoglobina, proteína encontrada no interior das hemácias, transporta o oxigênio e é essencial para a saúde de todos os órgãos do corpo.

As hemácias, também conhecidas como glóbulos vermelhos ou eritrócitos, são células encontradas em grande quantidade em nosso sangue. As hemácias falciformes são pouco flexíveis, endurecem e não conseguem ultrapassar os vasos de pequeno calibre e, conseqüentemente, a oxigenação dos tecidos fica comprometida, provocando a obstrução desses vasos em diferentes órgãos ou tecidos, que por terem sua membrana alterada se rompem mais facilmente, causando anemia (DI NUZZO; FONSECA 2004).

Diversos estudos genéticos sugerem que o gene da hemoglobina modificada, HbS, teve origem na África e que seu desenvolvimento se trata de um evento de seleção natural em

seres humanos cuja forma heterozigótica oferece proteção parcial à malária, transmitida por mosquitos do gênero *Anopheles* (CAVALCANTI; MAIO 2011).

As migrações de populações dispersaram o gene determinante da HbS por todo o mundo. No Brasil, a sua origem ocorreu com a imigração coagida de povos africanos e a propagação acontece na população brasileira devido ao alto grau de miscigenação (BRASIL 2015).

De modo geral, além da anemia crônica os sintomas da anemia falciforme são variados, dependem da idade da pessoa e caracterizam-se por numerosas complicações como crises dolorosas, úlceras de perna, infecções, inflamações, crises vaso oclusivas, febre, síndrome torácica aguda, sequestro esplênico, acidente vascular cerebral, crise aplástica, alterações hepáticas, complicações pulmonares, hipertensão pulmonar, complicações cardíacas e priapismo (BRASIL 2002). A dor, mais frequente nos ossos e nas articulações, é o sinal mais repetido causado pela obstrução de pequenos vasos sanguíneos pelas hemácias falciformes. Sendo assim, a pessoa apresenta uma significativa morbidade com redução da capacidade de trabalho e da expectativa de vida e dessa forma precisa do apoio da família, da comunidade e principalmente dos profissionais da saúde para se estruturar e ter uma vida mais confortável.

Mesmo sendo a alteração genética mais frequente no Brasil, e mais comum em indivíduos da população negra (BRASIL 2007), a comunidade científica brasileira negligenciou estudos nessa área, retardando assim o processo de adoção de políticas públicas e enfatizando com isso a invisibilidade desse problema. Uma explicação para tal fato está no racismo estrutural (ALMEIDA 2018), característico da sociedade brasileira. Para tanto, a luta e a coerência do Movimento Negro foram de importância crucial para a adoção dessas políticas destinadas às doenças ligadas a etnias.

A associação entre a anemia falciforme e a população negra promove diversas barreiras estruturadas pelo racismo. O racismo, resultado da estrutura da sociedade que normaliza e concebe como verdade padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça, é parte de um processo social, histórico e político que elabora mecanismos para que pessoas ou grupos sejam discriminados de maneira sistemática (ALMEIDA 2018) e dessa forma a discriminação racial estruturada está na essência da sociedade apropriado para manter, reproduzir e recriar desigualdades, abismos e privilégios.

O racismo estrutural faz com que as políticas públicas de saúde para a população negra sejam descuidadas causando impactos de diferentes proporções na vida das pessoas. O racismo é visível considerando que se passou quase um século da descoberta do primeiro relato de anemia falciforme no país em, 1910, e a primeira política elaborada (LIRA 2017).

Desse modo, as pessoas que vivenciam isso se encontram em uma complexa situação de vulnerabilidade que permeiam as questões biológicas, do ambiente, da cultura, questões socioeconômicas e sua história de vida.

Para um país como o nosso em que a maioria da população se declara preta (9,3%) ou parda (46,5%) segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2018), reflexões sobre essa temática devem acontecer no contexto da escola ao longo do ano letivo para que os estudantes e toda a comunidade escolar se tornem ainda mais responsável no enfrentamento de práticas discriminatórias e preconceituosas, por isso a relevância do estudo. Mas, é na Semana da Consciência Negra que essas discussões são mais afloradas em razão da Lei, nº 10639 aplicando-a para garantir o ensino da história africana e afro-brasileira.

Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar as reflexões de uma oficina realizada por PIBIDIANOS na Semana da Consciência Negra com estudantes do 1º ano do ensino médio no Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito a partir da seguinte questão: como a anemia falciforme está relacionada com o racismo estrutural da nossa sociedade?

O que justifica a temática é que a anemia falciforme é uma das alterações genéticas mais comuns do mundo, é a mais frequente no Brasil e a Bahia por ser o estado com maior número de negros, conseqüentemente tem o maior número de casos. Pensar a anemia falciforme na Semana da Consciência Negra é pensar a biologia enquanto conhecimento biológico vivo e de forma interdisciplinar.

MATERIAL E MÉTODOS

A oficina relacionando anemia falciforme e racismo ocorreu na Semana da Consciência Negra, no dia 20 de novembro de 2019 com estudantes do 1º ano do ensino médio no Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito. Antes, houve uma preparação dos PIBIDIANOS com encontros semanais para leituras de artigos científicos sobre a anemia falciforme e racismo estruturado com o auxílio da professora/supervisora e a coordenadora do subprojeto.

A oficina aconteceu a partir do diálogo com os estudantes e consistiu em quatro momentos. Momento 1: Conversa sobre racismo e preconceito sofrido pelas pessoas negras. As palavras que nortearam o diálogo foram criado mudo, doméstica, trabalho, desigualdade social e cotas raciais. Momento 2: Leitura e análise de um texto construído pelos PIBIDIANOS sobre anemia falciforme a partir de artigos científicos. Momento 3: Construção de um muro com papel metro para indicar as barreiras existentes sobre a anemia falciforme. Momento 4: Desconstrução das barreiras erguidas no momento 3.

Em todos os momentos o diálogo aconteceu naturalmente, e quando necessário com interferências dos PIBIDIANOS para somar ao conhecimento dos estudantes. As falas foram registradas e analisadas.

Para análise das falas foi utilizada metodologia de estudo com abordagem qualitativa a partir da análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2009).

Para Minayo (2001), a abordagem qualitativa responde a questões muito particulares, reais, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes e comportamentos dos sujeitos envolvidos que não podem ser quantificadas, sendo essencial para o entendimento da realidade humana.

A análise de conteúdo é uma técnica metodológica muito utilizada em pesquisas qualitativas e para Bardin (2009), pode ser aplicada em discursos diversos e a todas as formas de comunicação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina sobre anemia falciforme na Semana da Consciência Negra proporcionou aos PIBIDIANOS e estudantes reflexões importantes sobre essa temática, o diálogo apresentou contribuições significativas, ciência do lugar de fala, vivência e construção de conhecimento. Ferreira et al. (2020) relatam que ao desenvolver atividades durante a Semana da Consciência Negra os participantes vivenciaram e experimentaram uma atmosfera antirracista, com um legado de reflexão crítica sobre o espaço escolar, as redes sociais, a mídia e, principalmente, a sociedade na qual estamos inseridos.

Inicialmente, foi informado aos participantes da oficina que para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2018) preto e pardo compõem a população negra do país e o quanto é importante reconhecer que a realidade da maioria da população brasileira é herança do longo período de colonização europeia. As conseqüências do período em que o Brasil passou pela escravidão estão no nosso cotidiano, assumir isso é o primeiro passo para combater o racismo e assim a Semana da Consciência Negra na escola, em especial, em escola pública baiana, em que o maior número de estudantes é negro, 90% (PESTANA 2019), favorece a reflexão de algumas questões que permeiam a dívida histórica. O diálogo é necessário para pensar e elucidar essas questões.

Neste sentido, no momento 1, o diálogo foi iniciado com criado mudo, termo que os estudantes não relacionaram com a Semana da Consciência Negra nem com o racismo. Eles entendiam apenas como uma peça, um móvel que fica ao lado da cama.

Para, além disso, criado mudo está associado com uma das funções dos criados de dentro de casa na época da escravidão:

ficar ao lado da cama e segurar coisas para seus senhores servindo-o água, por exemplo. Como o criado não poderia fazer barulho para atrapalhar o sono deles era considerado mudo (EIRAS 2019). Causou um pouco de espanto ao ouvir a real história, mas ela não pode ser apagada. Essa e outras expressões foram consolidadas na nossa fala sob a influência do período escravocrata, foram mantidas e ainda são utilizadas. Eles gostaram de saber que há um movimento positivo em algumas lojas de móveis em utilizar o nome mesa de cabeceira e abolir criado mudo através da hashtag *#criadomudonuncamais*.

Ao falar de doméstica eles reconheceram que em sua grande maioria é um trabalho desempenhado por mulheres negras e de classe social baixa. Todos relataram conhecer ou ter alguém na família que trabalha ou trabalhou como doméstica e todas são negras.

Esta situação é característica da nossa herança escravocrata em que as antigas amas de leite e mucamas hoje são cozinheiras, lavadeiras, babás. Estudo feito em parceria entre o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ligado ao Ministério do Planejamento, e a ONU Mulheres, braço das Nações Unidas indicam que o trabalho doméstico, fruto da desigualdade social é uma das principais ocupações entre as mulheres, com a predominância de mulheres negras e de baixa escolaridade (WENTZEL 2018).

No diálogo sobre trabalho os estudantes reconhecem a dificuldade enfrentada pelas pessoas negras, principalmente quando não têm estudos. São sempre os mesmos trabalhos: construção civil, comércio, doméstica, carroceiros ou mercado informal. As falas coadunam com os dados da agência Brasil publicado por Nitahara (2019), ao informar que os negros apesar de constituírem 55,8% da população brasileira, a representatividade no mercado de trabalho ainda é baixa assim como são os que mais sofrem com a informalidade, que vem crescendo no Brasil nos últimos anos. Em todos os níveis de instrução, a taxa de desemprego é significativamente mais elevada entre os negros. Isso é um diagnóstico do racismo estrutural.

A consequência é o aumento da desigualdade. Eles disseram que sentem a desigualdade social por não terem acesso a coisas que gostariam, e isso reflete nas condições de vida. Eles questionaram a falta de oportunidades e a dificuldade que encontram para uma socialização e o preconceito que enfrentam ao entrar em um estabelecimento seja loja, pizzaria, restaurante. Para Nitahara (2019), o aumento da desigualdade e consequentemente da pobreza é reflexo da ampliação do desemprego assim como na carência dos serviços de água, esgoto e coleta de lixo e infraestrutura entre os domicílios.

Quanto às cotas raciais para o ingresso nas universidades, alguns estudantes disseram que conhecem pessoas negras que

ingressaram em universidades e assim reconhecem que aumentou o ingresso, mas acreditam que para se manter assíduo, mudar de cidade, pagar aluguel, custear transporte e acompanhar os estudos é difícil e acham que muitos desistem. Muitos nem tentam por saber que não têm condições de custear.

Ribeiro (2019) afirma que o racismo estrutural faz com que a população negra tenha menos condições de acesso a uma educação de qualidade e desse modo as políticas públicas têm um potencial transformador.

Eles ficaram surpresos ao saber que o aumento do ingresso de estudantes negros em universidades está relacionado com o sistema de cotas raciais e que a primeira proposta de implantação desse sistema no Brasil, como política pública de ação afirmativa para reverter o racismo histórico, foi apresentada em 17 de novembro de 1999, durante a Semana da Consciência Negra. Daí a importância de eventos como esse para validar a Lei, nº 10639 e pensar ações para a população negra.

Ficaram admirados também ao saber que a UNEB é pioneira na implantação de cotas étnico-raciais no Nordeste e apresenta políticas de permanência. As cotas entraram em vigor no ano de 2012 e são importantes para os que tiveram menores oportunidades e mobilidade social e oportunidades educacionais ou no mercado de trabalho, bem como foram vítimas de discriminações nas suas interações com a sociedade, ou seja, sejam vítimas de racismo. As cotas são importantes para garantir o acesso de pessoas negras à universidade.

O diálogo não se esgotou! Todas as reflexões foram importantes para conscientizar e reafirmar que o racismo é parte da estrutura social, portanto, um sistema de opressão que nega direitos (RIBEIRO 2019).

A leitura compartilhada do texto anemia falciforme para o momento 2 revelou aos estudantes a intenção da proposta da oficina: discutir a anemia falciforme à luz do racismo. O texto trouxe elementos necessários para essa reflexão: o que é anemia falciforme, característica, como acontece e sintomas; origem da anemia e predominância em negros; migração forçada de africanos para o Brasil; miscigenação; número de casos no Brasil e na Bahia; fragilidade das políticas públicas de saúde para a população negra; racismo estrutural.

Diante disso, as pessoas que têm anemia falciforme enfrentam barreiras. Assim, para o momento 3, os estudantes listaram barreiras que as pessoas com anemia falciforme lidam a partir das discussões anteriores: racismo, tema pouco debatido na escola e nas comunidades, falta de atendimento adequado, precarização do Sistema Único de saúde (SUS), profissionais de saúde com pouco conhecimento sobre anemia falciforme, preconceito da comunidade com o portador dessa anemia, não se mantém no trabalho pelo excesso de faltas, consequência das dores.

Para a desconstrução dessas barreiras, momento 4, os estudantes elencaram: entender o porquê do racismo, disponibilizar mais informação na escola e comunidade sobre a anemia falciforme, formar profissionais da saúde capacitados, mais políticas públicas para os portadores da anemia falciforme.

Entender o racismo é o ponto inicial para a compreensão das relações na sociedade brasileira. Segundo Ribeiro (2019), é preciso reconhecer o racismo para combatê-lo e a Semana da Consciência Negra é um espaço para refletir esses pontos.

Melhorar a informação sobre a anemia falciforme pode acontecer nas escolas e nos serviços de saúde. Nas escolas, esse tema é para além do conteúdo de genética na biologia, enquanto característica hereditária mais predominante no Brasil e na Bahia. Tão importante quanto discutir as questões de genética em termos de probabilidades é compreender como essa herança é tão presente no Brasil e o quanto a anemia falciforme debilita a pessoa. Conhecimentos dessa importância devem transpor o muro da escola. Assim, a Semana da Consciência Negra é mais uma oportunidade para tal reflexão. Para Ribeiro (2019) por causa do racismo estrutural, a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade.

Disponibilizar informações nas secretarias de saúde dos municípios quanto ao número de casos para atendimento aos programas do SUS para que a equipe nas unidades de saúde se responsabilize para garantir e instrumentalizar as políticas de saúde nessa área. Com pouca informação, as pessoas não aderem às políticas de saúde.

Disponibilizar cartilha ou mural informativo sobre anemia falciforme de forma que a pessoa portadora dessa característica fique sempre atenta às orientações necessárias. Estudos indicam que há pessoas que aderem à cultura do silêncio como forma de autoproteção e, em muitos casos, não procuram por tratamento para a anemia falciforme, seja por vergonha ou medo de ser vítima de preconceito (SISDELLI 2015).

Melhorar o atendimento no SUS com profissionais bem preparados e para isso é necessário conhecer além dos sintomas da anemia falciforme relacionando o seu contexto histórico e não apenas a fatores como as crises dolorosas.

Estudos indicam que profissionais da atenção primária não têm a preparação no que diz respeito ao conhecimento, habilidades e atitudes para atender à pessoa com doença falciforme (GOMES et al. 2014).

Para a maioria das pessoas com anemia falciforme, a crise envolve dor aguda e outras questões relacionadas ao bem-estar psicológico, social e emocional devido a outros momentos de atendimento o que causa uma fragilidade na confiança entre a equipe cuidadora e as pessoas atendidas (JAMISON; BROWN 2002).

Diante das implicações do estudo há a necessidade de que os professores se apropriem dessas discussões para que elas possam ser abordadas com os estudantes durante todo o ano letivo.

CONCLUSÃO

As reflexões na Semana da Consciência Negra se constituem em conhecimentos necessários para compreender que o racismo estrutural é característico da nossa sociedade brasileira e o quanto isso conjectura em expressões que foram consolidadas no período escravocrata e ainda permanecem como criado mudo, nas relações de trabalho e assim na desigualdade social. Além disso, as reflexões proporcionaram conhecer a anemia falciforme, para além do conteúdo de genética em biologia, relacionando-a com o racismo estrutural e as barreiras enfrentadas pelas pessoas que portam essa anemia, sendo necessários conhecimentos para derrubá-las. A experiência vivenciada durante a oficina foi considerada de fundamental importância para o preparo da docência, pois desencadeou o pensar sobre o ensino de biologia interdisciplinar, vivo e dessa forma significativo.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pela concessão da bolsa a partir do PIBID.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por promover a Iniciação à Docência.

Ao Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito por permitir o desenvolvimento do PIBID.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BIANCHI, R. C. *Relação universidade – escola: o PIBID como instrumento de intervenção sobre o real da formação de professores*. Dissertação. 2016.
- BRASIL. *Manual de Diagnóstico e Tratamento de Doenças Falciformes*. Brasília: ANVISA, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Política Nacional de Sangue e Hemoderivados*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Assistência à Saúde. *Doença Falciforme: diretrizes básicas da linha de cuidado*. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

CAVALCANTI, J. M.; MAIO, M. C. Entre negros e miscigenados: a anemia e o traço falciforme no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. *História, Ciências, Saúde*, 18(2): 377-406, 2011.

DI NUZZO, D. V. P.; FONSECA, S. F. Anemia falciforme e infecções. *Jornal de Pediatria*, 80(5): 347-354, 2004.

EIRAS, N. 10 expressões racistas que deveríamos tirar do nosso vocabulário. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/21/10-expressoes-racistas-que-deveriamos-tirar-do-nosso-vocabulario.htm>. Acesso em 20/08/2019.

FERNANDEZ, C.; NOGUEIRA, K. S. C. Estado da arte sobre o PIBID como espaço de formação de professores no contexto do ensino de química. *Ensino Pesquisa Educação Ciência*, 21: e13136, 2019.

FERREIRA, W.; MELLO, A. M.; GARCIA, D. F.; SOUZA, C. R. A.; VIEIRA, M. A.; CAMPAGNUCCI, S. A. A primeira semana da consciência negra do CAP-UERJ sob a ótica da participação de licenciandas/os em ciências sociais da UERJ. *Revista Perspectiva Sociológica*, 25: 86-100, 2020.

GOMES, L. M. X.; PEREIRA, I. A.; TORRES, H. C.; CALDEIRA, A. P.; VIANA, M. B. Acesso e assistência à pessoa com anemia falciforme na Atenção Primária. *Acta Paulista Enfermagem*, 27(4): 348-355, 2014.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Brasília: PNAD, 2018.

JAMISON, C.; BROWN, H. N. A special treatment program for patients with sickle cell crisis. *Nurse Economic*, 20(3): 126-132, 2002.

LEMOS, S. M.; AZEVEDO, G. (Org). *Os impactos do PIBID na iniciação à docência na UERGS*. Porto Alegre: Criação Humana / Evangraf, 2017.

LIRA, A. S. *A anemia falciforme é um retrato do racismo no Brasil*. Disponível em <http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1917833-a-anemia-falciforme-e-um-retrato-do-racismo-no-brasil>. Acesso em 09/09/2019.

MINAYO, M. C. S. (Org). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NITAHARA, A. *Negros são maioria entre desocupados e trabalhadores informais no país: Levantamento do IBGE reúne dados de diversas pesquisas*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/negros-sao-maioria-entre-desocupados-e-trabalhadores-informais-no-pais>. Acesso em 20/06/2020.

PESTANA, M. *Jerônimo Rodrigues: a cor e a cara da educação na Bahia*. 2019. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/jeronimo-rodrigues-a-cor-e-a-cara-da-educacao-na-bahia/>. Acesso em 10/08/2020.

RIBEIRO, D. *Pequeno manual antirracista*. 2ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SISDELLI, M. G. Os sentidos das experiências de pacientes com anemia falciforme. Tese de Doutorado. 2015.

TONIOLO, J. M. S. A.; UBERTI, H. G. (Org). *PIBID IF Farroupilha: desafios de ensinar e aprender*. São Leopoldo: Oikos, 2016. 268 p.

WENTZEL, M. *O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo*. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>. Acesso em: 16/08/2019.